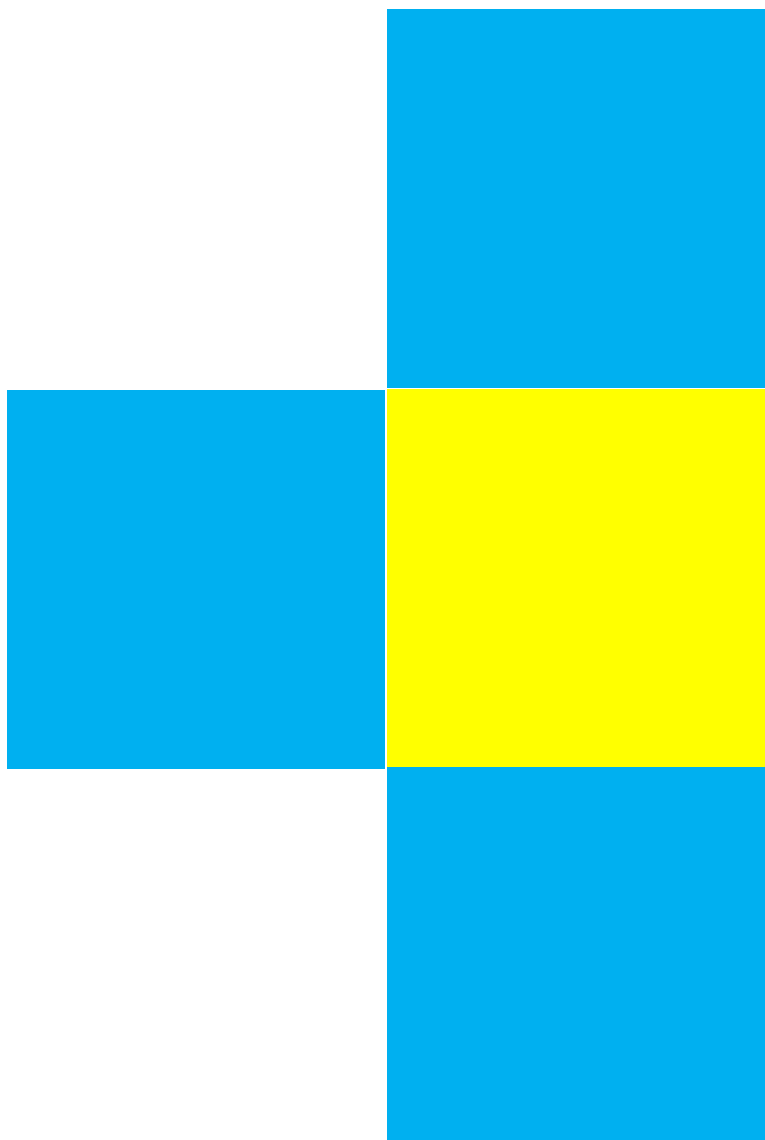


Empirismo radical: uma política da imanência

Bruno Fabri

*Pesquisador independente. Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ).
E-mail: bfabri80@gmail.com.*



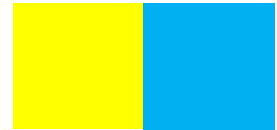
Resumo: No texto a seguir, buscaremos introduzir ao leitor algumas breves potencialidades políticas na obra do filósofo, médico e psicólogo norte-americano, William James, através do que ele mesmo denominou como “empirismo radical.” O nosso procedimento tenta atualizar sua obra, sobretudo no que diz respeito ao desejo na política, traduzida pelas necessárias “micropolíticas”, enquanto um processo “viral” no que diz respeito à uma verdadeira mudança social e criativa que passa, necessariamente, pelos afetos.

Palavras-chave: Empirismo; micropolítica; desejo; pragmatismo; experiência.

Radical Empiricism: A Politics of Immanence

Abstract: In the following text, we will seek to introduce the reader to some brief political potentialities in the work of the American philosopher, physician, and psychologist, William James, through what he himself referred to as “radical empiricism.” Our approach attempts to update his work, especially regarding desire in politics, translated by the necessary “micropolitics,” as a “viral” process concerning a genuine social and creative change that necessarily involves affects.

Keywords: Empiricism; micropolitics; desire; pragmatism; experience.



É conhecida a competência de Karl Marx na inversão de algumas concepções da filosofia de idealistas alemães contemporâneos a ele.¹ Dentre estes, o maior de todos, G. W. F. Hegel, trazendo-o para o campo materialista, mais especificamente no que diz respeito à dialética enquanto evolução da perfectibilidade crescente do Espírito *manifestada* na História, como um elixir que se extrai das lutas reais. De forma análoga, e já no século XX, Vladimir Ilitch Lênin, por sua vez, inverteu o sinal da noção de ideologia em Marx e Friedrich Engels², ao conceber a luta de classes como um tipo de “disputa entre imaginários” fechados em si, como se uma classe, sobretudo a operária, possuísse, per se, uma base ortodoxa: e como tal, ela deveria disputar a hegemonia política, cultural e econômica com outras classes sociais, como Antonio Gramsci deixou mais bem formulado posteriormente.³ Para tanto, foi (e é) necessário o “despertar” da consciência de classe *proletária* dos pobres, como se isso fosse coisa inata. Ideia (ideal?) delineada, *criada*, por uma elite intelectual de esquerda (mesmo que ainda *desconfortavelmente* burguesa), pois “o povo” é visto – ainda – por muitos destes como uma massa indistinta, que precisa tomar vida através do proselitismo político continuado, que muitas das vezes, nada tem a dizer sobre as condições de vida objetivas do chamado “proletariado.” Mas, ao mesmo tempo, é inegável que é fundamental que os afetos políticos venham de fora, de um outro meio social e político desejante, para inaugurar *outras* micropolíticas do desejo entre os pobres, ou entre aqueles e aquelas que se veem tolhidos de suas potencialidades por conta do desamparo material e do desespero existencial, assim dando forma, ou *desvelando*, as aspirações individuais⁴ numa

¹ Sobre tudo em *A ideologia alemã* (1845-1846).

² Em Marx (e Engels) a ideologia é praticamente sinônimo de inação. *A ideologia alemã* é um conjunto de intervenções em meio a um ambiente intelectual que não se baseava no *factual* em suas elucubrações. Marx e Engels analisaram sem dó o “imaginário” da elite intelectual alemã: notaram um bloco uno de pensamento que era o contraste da fragmentação política da Alemanha pré-1871, dividida em pequenos principados, além dos impérios instáveis da Prússia e da Áustria, durante a primeira metade do século XIX. A princípio, portanto, não existe *boa* ideologia...

³ Neste primeiro quarto de século, a hegemonia é – aparentemente – o da (extrema) direita: “liberal na economia e conservadora nos costumes.”

⁴ Tomemos como exemplo negativo de tal operação, o surgimento da figura de Pablo Marçal (PRTB), influenciador digital evangélico, dito “*coach* motivacional”, e extremista de direita, candidato à prefeitura

coletividade plural, abandonando-se a denominação “povo”, dando lugar a um outro paradigma, o da *multidão*, do comum, da comunidade, tal como Georg Lukács, ao menos assim nos parece, expressou de forma latente em seu clássico estudo sobre o tema⁵, antecipando o “pós-modernismo” de Gilles Deleuze, Michel Foucault, Antonio Negri, Michael Hardt e, claro, de Félix Guattari.

Assim, no contexto marxiano, o “Espírito” sai de cena para dar lugar ao “trabalhador” como a *verdadeira* instituição histórica, a essência da espécie. Mas tal realização do indivíduo no plano do socius para a elite intelectual de esquerda era (e continua sendo) uma *forma sem conteúdo*; mas, contraditoriamente, e ao mesmo tempo, também é a realização do sujeito histórico: eis o “animal laborans” (Hannah Arendt), ao se tomar este ponto de vista. Aliás, para as elites da esquerda tradicional tudo é, potencialmente, formas sem conteúdo, que precisam ser preenchidas com substâncias *ortodoxas*, imagens do pensamento, sejam quais forem, guardando uma distância segura da pobreza, encastelados em partidos políticos, universidades e demais espaços vedados àqueles que mais necessitam de mudanças. Resumindo através dos versos da canção de uma banda de rock britânica da virada dos anos 1970 e 1980, “*Touching from a distance / further of the time.*”⁶

da cidade de São Paulo nas eleições municipais de 2024. A penetração da campanha de Marçal nas periferias da maior cidade do país foi de uma eficiência acachapante. Seu alvo preferencial foi Guilherme Boulos (PSol) a quem acusou de ser cocainômano, sem nenhuma prova até este momento. É, sem dúvida, um artifício covarde para angariar votos, mas o gesto de atribuir ao único candidato da esquerda com chances de vitória em São Paulo o envolvimento com entorpecentes, na verdade, buscava reconduzi-lo à classe de origem do líder do MTST, a classe média alta; pois a cocaína, por ser mais cara, sempre foi o signo recreativo típico de “playboys” na visão dos jovens periféricos, o que vedou a Boulos aquilo que ele esperava ser sua base eleitoral “natural”, mas por uma pura associação sem lastro na realidade (pois para a esquerda brasileira atual, o pobre É de esquerda ou simplesmente não é pobre...), além do apoio de Marta Suplicy (PT) como candidata a vice-prefeita que, em tese, era tida como uma política “popular” nas periferias paulistanas. Dessa forma, Marçal *neutralizou* seus adversários do campo da progressista nos rincões pobres de São Paulo, limpando o terreno para a mobilização do desejo de mulheres e de homens periféricos com valores como o empreendedorismo, o temor a Deus e o rancor em relação às minorias. Marçal se mostrou muito competente ao manejar as micropolíticas do desejo, dentro e fora das redes telemáticas, nas eleições de 2024, ainda que pese seus “shows” grotescos nos debates de tevê e internet com outros candidatos.

⁵ Me refiro a *História e consciência de classe* (1923).

⁶ “Tocando à distância / para longe no tempo”. Estes versos são da música “Transmission” da banda pós-punk *Joy Division* presente no LP “Unknown Pleasures” (1979), composta pelo cantor e letrista Ian Curtis que morreu em abril de 1980 aos 24 anos.

Já o *empirismo radical*, base do Pragmatismo, esta cuja raiz é o termo “pragmática” (do grego *pragmatikós*), é uma espécie de *ação programática de caráter positivo*, ou seja, acima de tudo produtivo e plural. Por isso, não permite um *viés*, qualquer que seja. Um método sem as imposições da causalidade: uma forma de *empirismo*. Ora, se o conceito de Pragmatismo fosse tomado ao “pé da letra” e se tivesse alguma penetração na elite econômica, intelectual e política dos Estados Unidos – como querem fazer crer alguns tolos, de maneira inadvertida –, certamente o Império norte-americano, em vez de se expandir nos “corações-e-mentes”, estaria profundamente ameaçado devido à imensa e irreduzível pluralidade inerente ao Pragmatismo como filosofia, como método de ação e como “processo de verificação” – intermitente e interminável – da verdade. Fundamentalmente anti-imperialista, antimetafísica (no sentido tradicional), além de anticolonialista, e de forma *radical*, como poucas metodologias e formas de pensar podem ser.⁷

A experiência entendida como imanência nos diz sobre a *natureza devoradora* do Pragmatismo: a *fome* por signos, por dimensões temporais, pelas “vidências coletivas” como Deleuze gostava de pontuar quando tratava das grandes mobilizações urbanas insurrectas (como o Maio de 1968), composto enquanto feixes de *fluxos* de signos revolucionários. Neste ponto, Antropofagia de Oswald de Andrade e o Pragmatismo jamesiano se confundem: o “apetite”, a necessidade pragmatista e antropofágica pelas vidências. Trata-se de *uma pragmática da Devoração*, assumindo o risco de soarmos redundantes aos ouvidos mais atentos.

Afirmar que o Pragmatismo está sempre além de si mesmo não é um desvio retórico. Ele é um método e uma filosofia que no âmago é imune a tendências intelectuais tomadas de forma isolada, justamente para ser possível traçar, tornar real, um “plano” sobre a qual todas as tendências de pensamento e de ação, sejam elas políticas, artísticas, culturais, científicas (sem excluir aqui, claro, o próprio marxismo), ganhem um impulso inédito. As investigações – que tenham compromisso com a verdade e a coragem de

⁷ Ou mesmo radicalmente “decolonial”, para usar aqui um termo que atualmente grassa na academia feito trepadeira muro acima.

enuncia-las, mesmo correndo-se vários riscos – podem se beneficiar, sobretudo no sentido de se *erradicar* dogmatismos.⁸ As tendências de pensamento e de ação, de todos os matizes, *aderem* facilmente ao Pragmatismo, mas o Pragmatismo é, ele mesmo, *antiaderente* a tudo.⁹ O filósofo, médico e psicólogo¹⁰ estadunidense, William James, – em uma de suas *lectures* sobre o Pragmatismo na Universidade de Harvard, que aconteceram entre 1906 e 1907 – nos diz que tal noção foi oferecida à comunidade acadêmica numa primeira vez pelo também filósofo, lógico e semioticista (conterrâneo de James), Charles Sanders Peirce, em 1878, na revista *Popular Science Monthly*, em artigo intitulado “How to Make Our Ideas Clear” (“Como tornar claras nossas ideias”): “Sr. Peirce, após pontuar que nossas crenças são, realmente, regras de ação, dizia que para desenvolver o sentido de um pensamento, precisamos apenas determinar qual conduta se está apta a produzir: conduta que é para nós seu único significado.”¹¹

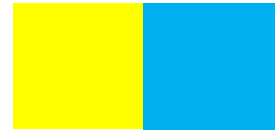
O intuito de Peirce era construir um método (retomando James, uma *conduta*, jamais uma doutrina “estrita”) que iluminasse, com uma acuidade inédita, as diferenças práticas de ideias, conceitos e noções aplicadas, sobretudo – no caso de Peirce – ao trabalho científico, pois certas concepções filosóficas e metodológicas, diferentes entre si em seus enunciados, poderiam chegar a resultados ou conclusões parecidas, senão mesmo

⁸ Houve um pensador marxista muito importante que fez uso do pragmatismo, ao menos por algum tempo: o supracitado Antonio Gramsci. Em seguida, à medida em que o furor revolucionário de Gramsci se tornava mais proeminente, ele passou a ser um crítico do pragmatismo norte-americano, talvez por pura ideologia e por força de dogmas que o seu tempo e espaço exigiam (em resumo, a doxa marxista da primeira metade do século XX) e não tanto pela crítica em si. O intelectual italiano ligava os pragmatistas estadunidenses a um tipo curioso de “idealismo”: algo que não faz o menor sentido em nossa concepção. Ver: CORMIER, Harvey J. “Pragmatismo, política e o corredor”. In: PUTNAM, Ruth Anna (org.). **William James**. Aparecida: Ideias e Letras, 2010, pp. 427-450.

⁹ Em termos deleuzo-guattarianos, podemos dizer que a práxis é *molar* e o pragmatismo, *molecular*.

¹⁰ William James é irmão do grande romancista norte-americano Henry James. No que diz respeito à psicologia, ela é entendida aqui enquanto subárea da filosofia. James não delineou e nem praticou uma clínica própria, muito menos aderiu a uma clínica alheia, como, por exemplo, a psicanálise, que na primeira década do século XX já surgia no horizonte norte-americano.

¹¹ Tradução nossa para: “Mr. Peirce after pointing out that our beliefs are really rules for action, said that, to develop a thought’s meaning, we need only determine what conduct it is fitted to produce: that conduct is for us its sole significance.” JAMES, William: “*Pragmatism*”. In: **Writings 1902-1910**. Nova York: Library of America, 1987, p. 506.



iguais na prática. Ou mesmo não ter qualquer vínculo com o real através de formulações “inativas” empiricamente, ou seja: pura especulação abstrata em último grau.

Uma anedota contada por James (na segunda conferência de *Pragmatism* [1906-1907]) caracterizou muito bem o pensamento sem contato com a realidade ao tomar conhecimento de um “clube metafísico” composto por jovens universitários, que, numa “disputatio”, chamaram o professor de Harvard para “arbitrar um problema” que consiste no seguinte: é um esquilo que se move em espiral pelo tronco de uma árvore, ou é a árvore mesma (e o resto do mundo junto, supomos) que gira em torno de seu próprio eixo, o que faz parecer com que o esquilo saracoteia em volta do tronco, estando ele, na verdade, parado? Não é difícil notarmos que nada se tira em termos de “consistência” do pensamento na realidade dessa disputa, qualquer que fosse a resposta. Através de uma análise que denominamos como “conceitual-pragmático”, que leva em conta o dilema construído, fica claro que é uma construção do pensamento, um “gatilho” para o imaginário, mas que não possui nenhum efeito fora espírito: que diferença prática é extraída desses dois contextos? Se é a árvore que gira freneticamente em torno de si, ou se é o esquilo que escala em círculos o tronco da bendita, para nós, observadores, *tanto faz* ou *tanto faria*: o observador, o esquilo e o tronco não teriam modificado uma mínima nesga de suas realidades, sem depender de qual lado fosse declarado “certo.” É assim também com outros “desafios intelectuais” muito comuns também em forma de anedota: “é o cachorro que abana o rabo ou é o rabo que abana o cachorro?”; ou, talvez, a mais conhecida e repetida “anedota metafísica”: “o que veio antes, o ovo ou a galinha?” O pessimismo da “lei de Murphy” também surge neste curioso panteão: “tudo o que pode dar errado, dará”, assim como o otimismo matemático-metafísico do filósofo Pangloss, meio preceptor, meio mestre de Cândido, vassalo da corte do conde da Vestfália. O filósofo cria que viveríamos no melhor dos mundos, pois

— Está provado, dizia, que as coisas não podem ser de outra maneira, porque, sendo tudo feito para um fim, tudo existe necessariamente para o melhor dos fins. Observai que os narizes foram feitos para o apoio dos óculos. As pernas são visivelmente instituídas para o uso dos calções, e inventaram-se calções. O

destino das pedras foi o de serem talhadas, para edificação dos castelos; assim é que Monsenhor tem seu castelo muito lindo: ao principal barão de uma província deve-se caber a melhor casa; e, sendo feitos os porcos para serem comidos, comemos porco o ano inteiro: por conseguinte, aqueles que afirmam que está tudo muito bem, disseram uma tolice; era preciso que dissessem que tudo vai da melhor forma.¹²

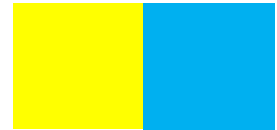
São exemplos muito simples, mas são como “rastros” de muitas das “grandes ideias” que não possuem qualquer efeito real: seja por sua aplicabilidade ser secundária, seja por não pretender qualquer efetuação que seja. Faz-se necessário estarmos com os sentidos (pragmaticamente) bem apurados para detectar *erros de avaliação* comuns ao percurso turbulento de nossa experiência; e de maneira muito clara sobre a forma como pensamos *agora*. Pequenas anedotas como essas, em certo grau “racionalistas”¹³, ilustram o tipo de “*Hábito de ação*”¹⁴ a que realmente estamos dando segmento: através delas podemos ter ideia da efetividade material e *temporal* de nosso pensar, de nosso hábito: de onde vêm e para onde vão, realmente, as ideias “transmutadas em nós.” Se não conseguirmos divisar um problema real, se não formos “elevados” a outras dimensões da realidade, é porque o canto das musas dos “modelos” fixos da “transcendentalidade” nos enfeitiçou. Trata-se de uma pequena batalha que o pragmatista deve travar consigo mesmo: a verificação da validade dos “processos de verdade” em nossa experiência.

“Qual lado é o certo” (na disputa metafísica), eu disse, vai depender do que *significa na prática* “ir em torno” do esquilo (...) Façamos a distinção e não haverá ocasião para qualquer disputa posterior. Os dois lados estão ao mesmo tempo certos e errados,

¹² VOLTAIRE (François-Marie Arouet). **Cândido ou o otimismo**. (Miércio Táci, trad.) Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, p. 16.

¹³ Termo que parte da ideia de “racionalismo” entre os pragmatistas, que seria equivalente a “idealismo.”

¹⁴ Temos para nós que o termo “Hábito de ação”, proveniente do Pragmatismo de Peirce e de James, é uma perspectiva mais “pragmática” do hábito e da contemplação *enquanto ações*, e que vicejam no âmbito da “efetuação material”, tomado de forma a dar mais ênfase ao espaço, e é uma expressão que consideramos um pouco mais “cotidiana”, no sentido de uma melhor compreensão sobre o que seja “habitar o tempo.” Habitar e contemplar são ações, mas mais “discretas”, posto que precisamos *parar* para *contemplar*. Em comparação aos Hábitos de ação, habitar e contemplar não são ações menos importantes, além de compartilharem, fundamentalmente, da mesma natureza.



de acordo com o que se conceba em relação ao verbo “girar”, em um estilo prático ou em outro.¹⁵

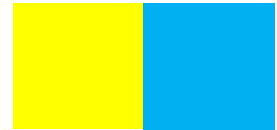
Em geral, mas não somente, essas noções algo *etéreas* no que diz respeito às palavras e às coisas, surgem de uma procedência filosófica mais “dura”, que se quer “exata”, extremamente intelectual, e que toma o “mundo dos homens” (Pascal) um obstáculo a ser superado. Levando em conta a contemporaneidade de William James, o racionalismo teve no supracitado idealismo alemão um revigoramento muito forte no interior da filosofia da primeira metade do século XIX através principalmente, claro, de Hegel, a manifestação mais recente, até então, de tal tradição (primeira metade do século XIX). O idealismo possui esse “pendor” para a racionalidade pura e “*assuncionista*”¹⁶ que, em geral, se “encaixam mal” em relação à empiria, e, quase que por metonímia, à ciência. Universo empírico este que muitas das vezes é repellido por intelectualistas “puros” e que tais, através de uma espécie de “embaraço”, denunciando uma “falta de traquejo” desses pensadores em relação à materialidade, à pluralidade, incluindo os principais empiristas “clássicos” britânicos, George Berkeley e David Hume, que foram duramente criticados por James, mas, posteriormente, sendo Hume “parcialmente redimido” por Deleuze quando o filósofo francês nos mostra, em suas obras da década de 1960, que o empirista clássico foi um dos precursores da noção de *hábito* e das chamadas “dimensões temporais”; mesmo Oswald de Andrade quando celebra o “colapso” da noção de “causalidade” a partir de Hume, construindo para si uma plataforma para a construção do conceito de *Devoração*, termo-chave de sua filosofia. O problema dos racionalistas/idealistas, para nós, é a “indiferença” manifesta pelas principais figuras de uma tal extração filosófica mais adepta aos abstracionismos, e que, por vezes, se perdem em dogmas, assim não produzindo métodos de ação que visem uma produção mais adiante em um meio de trabalho experimental, como em um laboratório por exemplo, ou

¹⁵ Tradução nossa para: “‘Which party is right’, I said, depends on what you *practically mean* by ‘going around’ the squirrel (...) Make the distinction, and there is no occasion for any farther dispute. You are both right and both wrong according as you conceive the verb ‘to go round’ in one practical fashion or the other.” In: JAMES, William. “*Pragmatism*”. In: **Writings** (1902-1910). Nova York: The Library of America, 1987, p. 505.

¹⁶ No sentido de se “elevantar” tudo a um mundo outro.

mesmo na construção e/ou “acabamento” de um conceito filosófico. Não oferecem nenhuma novidade, nenhuma alternativa satisfatória que provenha da *imanência*, nem um complemento a uma investigação: o que salvaria o universo da dispersão absoluta, para Berkeley e Hume, seria, sempre, alguma “potência estrangeira.”

Mas é necessário pontificar: teses puramente racionalistas podem servir à empiria das ciências e à lapidação dos conceitos empiristas num contexto pragmatista, mas somente à *força de torções* das noções e das ideias originais, e que consigam produzir algo novo, mas *empiricamente* novo, incidindo diretamente na realidade, reconfigurando-a mais ou menos discretamente, *fazendo devir ainda mais pensamentos*. O pragmatismo, enquanto método, faz a “liga” do pensamento com o chão comum da multiplicidade. E essa liga é a da *verdade* das relações que relacionam as *experiências* na imanência. Ou seja, o trabalho da “efetuação do pensamento” enquanto hábito. Isso não significa que o *sensível* e o mundo das ideias, das abstrações, não possam coexistir: o Pragmatismo não nega a existência de algo ou a algo que ainda ignoramos, esta não é a sua tarefa, pois a imanência (ou o “sensível”) é infinita. O Pragmatismo não é um tribunal do “gosto” e do “familiar”; é do foro da *necessidade* (como veremos mais a frente) da *existência enquanto experiência estética*, pois se trata de traçar, *inventar*, nos espaços-tempos, “Heterotopias” para as novas dimensões que estão acontecendo ou que aconteceram, até mesmo uma hipotética investigação sobre o “sexo dos anjos”: é através do “teste conceitual-pragmático” que qualquer assunto pode ser testado. Se numa manhã qualquer, uma caneca, nos momentos em *slow motion* típicos de um bom café da manhã, nos desejar um “bom dia”, retribuiríamos a saudação sem nos assustar, tal é a certeza de que a caneca “já passou” no teste conceitual-pragmático. É impossível não ter passado, pois nós e a caneca falante formaríamos um ou mais elos entre nós, interligados a tantas outras coisas e elos que formam a imanência. A caneca falante seria mais um “nó”, só que ainda desconhecido por nós, da imanência. Claro, nos restaria compreender o fenômeno das canecas falantes, sua lógica, mas sem ceder ao assédio de ideias extramundanas, dos “fantasminhas *pseudológicos*.” Eis, portanto, um exemplo extremo, um tanto fantasioso, mas *real*, do que compreendemos sobre o que James denominou como *empirismo radical*.



A censura de William James contra os empiristas ingleses surge a partir da ideia (ou do problema) da “dispersão absoluta do cosmo”, que tem a indubitável qualidade de colocar por terra as relações até então consagradas de “causalidade”, um combate ao pensamento que opera sob um tipo de “mecanicismo”, que tende a dirimir qualquer potência. Mas no contexto do empirismo clássico, existe uma espécie de “deus ex machina” que surge para compor as verdadeiras relações entre todas as coisas. Em suma: num primeiro momento, surge a crítica (via Hume) das relações de causalidade e da descoberta de que, em tudo, as relações são de uma ordem muito mais complexa, e que a realidade, em si mesma, é pura dessemelhança e indiferença entre todas as coisas, por isso, a *incapacidade* de se criar as relações necessárias entre objetos, coisas, e tudo o mais, desde a formação de uma molécula até a gravitação universal. William James “inverte” o empirismo inglês ao propor que – em tudo e entre tudo – *as relações compartilham da mesma natureza das coisas e vice-versa*. Ou melhor: *experiências* que são relacionadas, entre si, também por *experiências*, pois tudo o que existe deve ser “diretamente experienciado”, sem mediações extraterrenas.

Para ser radical, um empirismo não deve nem admitir em suas construções qualquer elemento que não seja diretamente experienciado. Para esta filosofia, *as relações que ligam experiências devem elas mesmas ser relações experienciadas, e qualquer espécie de relação experienciada deve ser considerada tão real quanto qualquer outra coisa no sistema*. Os elementos podem, entretanto, ser redistribuídos, ficando corrigida a colocação geral das coisas, mas deve ser encontrado um lugar real para cada espécie de coisa experienciada, seja ela termo ou relação na organização filosófica final.¹⁷

¹⁷ Tradução nossa para: “To be radical, an empiricism must be neither admit into its constructions any element that is directly experienced, nor exclude from them any element that is directly experienced. For such a philosophy, *the relations that connect experiences must themselves be experienced relations, and any kind of relation experienced must be accounted as ‘real’ as anything else in the system*. Elements may indeed be redistributed, the original placing of things getting corrected, but a real place must be found for every kind of thing experienced, whether term or relation, in the final philosophic arrangement.” In: JAMES, William. “*Essays*”. In: **Writings** 1902-1910. Nova York: The Library of America, 1987, p. 1160.

O filósofo francês – e também interprete de Bergson, Deleuze e James –, David Lapoujade, sugere, num ensaio, em que ele traça as afinidades entre o empirismo radical jamesiano e o plano de imanência de Deleuze & Guattari, que “O empirismo radical seria, consequentemente, essa operação que consiste em liberar a imanência, em entregá-la a seu próprio movimento”¹⁸, ou seja: a imanência é independente e, ao mesmo tempo, necessita da “interdependência” *em movimento* das experiências a que James, agora, as denominará como “puras.” Das relações “puramente disjuntivas” do empirismo clássico, que necessita de agentes “para além da experiência” para que haja afinidades entre as coisas, às relações “disjuntivas e conjuntivas” que são realizadas pela imanência e pela *cognição* de muitos dos “entes” da experiência pura. Em nossa concepção, relações disjuntivas que se tornam “conjuntivas” pela qualidade “associacionista” do hábito, que já discutimos supra.

Histórias pessoais são processos de mudança no tempo e a *mudança em si mesma é uma das coisas imediatamente experienciadas*. “Mudança”, neste caso, significa transição contínua oposta à transição descontínua. Mas a transição contínua é uma espécie de relação conjuntiva; e ser empirista radical significa ater-se decididamente a essa relação conjuntiva de todas as outras, pois este é o ponto estratégico, a posição através da qual, se um furo for feito, se infiltrarão em nossa filosofia todas as corrupções da dialética e todas as ficções metafísicas.¹⁹

A *experiência pura* (assim como o hábito) nos antecede: no “campo jamesiano” é o esteio da nossa consistência, é a experiência dos indivíduos sencientes, como as crianças no início da primeira infância por exemplo. Ou se quisermos ser mais cotidianos, é aquele momento em que esquecemos temporariamente de alguma palavra, “*aquela*, justo

¹⁸ LAPOUJADE, David. “Do campo transcendental ao nomadismo operário – William James.” In: ALLIEZ, Éric (org.) **Deleuze**, uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 267.

¹⁹ Tradução nossa para: “Personal histories are processes of change in time, and the *change itself is one of the things immediately experienced*. ‘Change’ in this case means continuous as opposed to discontinuous transition. But continuous transition is one of sort of a conjunctive relation; and to be a radical empiricist means to hold fast to this conjunctive relation of all others, for this is the strategic point, the position through which, if a hole be made, all the corruptions of dialectics and all the metaphysical fictions pour into our philosophy.” In: JAMES, 1987, p. 1163.

aquela”, como se fosse um peça de um quebra-cabeças que sumiu, mas cujo formato da peça, que ainda não achamos, permanece lá, naquele jogo composto por “fragmentos” únicos, em que os formatos não se repetem ou repetem pouco, dependendo da complexidade do jogo, mas a superfície de cada peça jamais é a mesma. Num quebra-cabeças é impossível encaixar uma peça “sobressalente” no lugar de outra que está ausente, assim como não existe “palavra sobressalente.”²⁰ É um “buraco”, um “espaço vago” cuja vizinhança nos ajuda a recompor, alertando-nos sobre o que ele *não comporta* por conta do próprio formato das peças que se avizinham ao espaço vazio, e da superfície de cada uma dessas outras peças. “Somente podemos designar a diferença, pelo empréstimo dos nomes dos objetos que ainda não estão na mente (...) Mas a sensação de ausência é *toto coelo* diferente da ausência de uma sensação. É uma sensação intensa. O ritmo de uma palavra perdida pode existir sem um som para fechá-lo (...)”²¹ É comum esquecermos completamente o nome da coisa que queremos nos lembrar, mas, mesmo quando enumeramos uma lista de palavras aproximadas, de sinônimos, só teremos ciência sobre o que *aquela palavra não é!* A experiência pura é esse processo de busca, uma espécie de “viagem” pela imanência, passando por nós, superfícies, profundidades e descobertas como se fôssemos infantes novamente, posto que tornamo-nos temporariamente “livres” do nosso “repertório” de significados (que em uma tal busca, mais atrapalha do que ajuda), das imagens, da razão, *tudo isso, todo o nosso conhecimento, se torna prescindível nessa busca*, pois o que vai suprir o espaço vago de nosso “puzzle” é a forma pura de algo que está entre a palavra, a imagem e signos quaisquer, uma situação e um sentimento fortes e impossíveis de se expressar – e é exatamente este o *fato que emerge* – não apenas uma perda temporária da forma *daquela palavra*, mesmo sabendo o que ela representaria, muito menos seu uso racional, sua funcionalidade... Um fato sem

²⁰ Atente-se: não nos referimos aos sinônimos.

²¹ Tradução nossa para: “We can only designate the difference by borrowing the names of objects not yet in the mind (...) But the feeling of an absence is *toto coelo* other than the absence of a feeling; it is an intense feeling. The rhythm of a lost word may be there without a sound to clothe it (...)” In: JAMES, 1982, pp. 243-244, vol. 1.

nome, pura e intensa sensação. O que acontece nessas intermitências é que nos tornamos *sencientes* novamente a cada episódio de esquecimento.

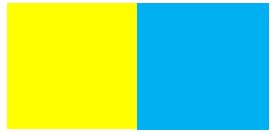
“Se, em um primeiro momento, James se diz não empirista, mas empirista radical, é porque ele se relaciona não à experiência, mas à experiência pura. É o nome que o plano de imanência recebe em William James.”²² Essa ligação entre plano de imanência e empirismo radical, que Lapoujade nos oferece, não nos aparece muito evidente, talvez até um pouco precipitada; mas ela tem a qualidade de colocar em cena um “empirismo deleuziano” e/ou “deleuzo-guattariano.” Retomando brevemente um assunto já abordado antes: estudamos, na primeira parte deste trabalho, o que Gilles Deleuze denominou como a “heterogeneidade” que é “pura exterioridade.” Aqui, Deleuze (em *Diferença e repetição* e em suas primeiras obras) “redime”, *em parte*, o empirismo clássico, pois a pura exterioridade e seus elementos não se ligam de forma *absoluta e radicalmente* imanente como em James, que tinha “em vista” o espaço tridimensional, tal como aprendemos na escola, e atribuindo ao tempo relações, mas ainda sem a profundidade e sem o “protagonismo” que as dimensões temporais foram ganhando depois de sua passagem. Mas, em Deleuze, as relações e a imanência se dão *no tempo*, em suas dimensões temporais, que se sucedem sem parar, a ponto de existirmos, habitarmos, no tempo e em sua infinitas dimensões, que é o mesmo que dizer sobre a nossa verdadeira consistência, que se dá no Presente vivo. Um tanto arriscadamente, podemos dizer que o “empirismo deleuziano” é *clássico e radical* ao mesmo tempo. Uma imanência que relacione tudo num universo em dispersão absoluta, depende de duas ou mais perspectivas que contraiam elementos, enlaçando-os numa Repetição enquanto Diferença. Em Deleuze, a imanência depende do hábito, que, assim como a experiência pura, nos antecede e ultrapassa.

Referências bibliográficas

ALLIEZ, Éric (org.) **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

JAMES, William. **The Principles of Psychology**. Cambridge (USA): Harvard University Press, 1982. (2 vols.).

²² LAPOUJADE, 2000, p. 267.



_____. **Writings** 1902-1910. Nova York: The Library of America, 1987.

VOLTAIRE (François-Marie Arouet). **Cândido ou o otimismo**. (Miércio Tati trad.) Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.